



Entrevista com Camila Villeruel: programas educativos e a família no museu - experiências da Fundação Proa

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317815022019254>

Camila Villeruel é licenciada em História da Arte e tem formação em Educação pela Arte pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Iniciou sua vida profissional atuando em Centros Dia para pessoas com deficiências e problemas de dependência química. Há mais de dez anos atua no campo da Educação em Museus, no desenvolvimento de programas para públicos escolares e familiares. Está há dez anos na equipe de educação da Fundación Proa, em Buenos Aires, onde coordena o trabalho da educativo junto ao público infantil e familiar

1. Camila, agradeço pela sua disponibilidade em colaborar com a revista Educação, Artes e Inclusão falando sobre seu trabalho na equipe educativa da Fundação Proa, em Buenos Aires. Na entrevista que Rosário García Martínez nos concedeu (publicada no volume 15, n. 1, de janeiro/março 2019¹), falou das especificidades da Proa enquanto espaço de arte contemporânea e das linhas gerais do trabalho educativo. Gostaria que você pudesse adentrar mais especificamente na questão da relação da Fundação com as crianças e as famílias, que é o trabalho que você coordena. Peço que comece nos falando um pouco sobre quais são as principais proposições.

Camila Villarruel: No que diz respeito às escolas, as distintas atividades que oferecemos estão organizadas com base em três propostas: temos o que chamamos de *recorrido participativo* [circuitos participativos], deixamos de usar o conceito de "visita guiada"; depois temos visitas com oficina; e por último a articulação com o Museu Quinquela, que está aqui na frente e trabalha muito a vinculação com a vida de Benito Quinquela [Benito Quinquela Martín (1890 - 1977) foi um reconhecido pintor argentino nascido no bairro de La Boca, onde se localiza a Fundação Proa]. Estes são as três principais atividades que se relacionam às escolas.

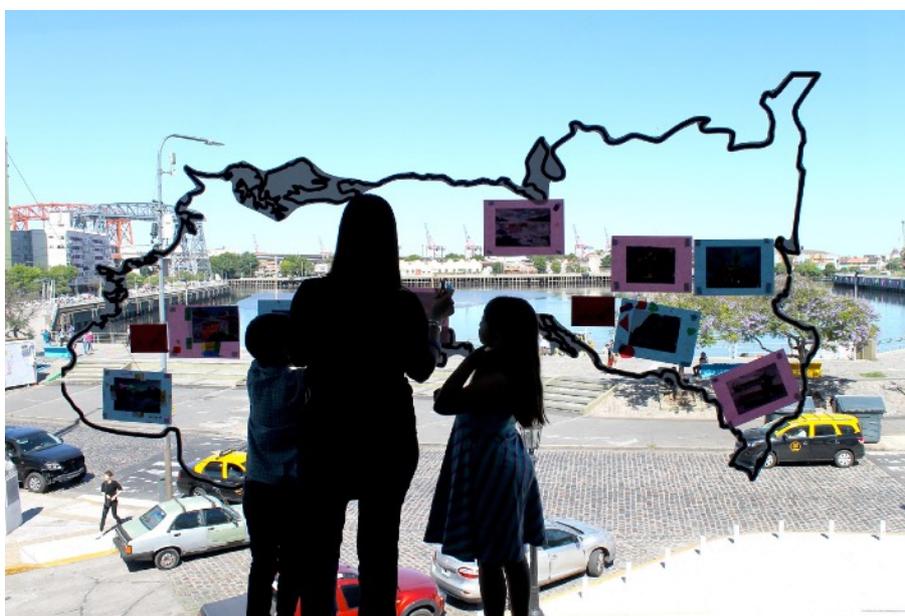


Crianças participam de atividade para o público escolar.
Foto: Acervo da equipe de educação da Fundación Proa

¹ Disponível no endereço <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/14541>



Por outro lado contamos um grande programa que é o de famílias, no qual trabalhamos com propostas para crianças a partir de quatro anos, de quatro a doze anos, mas sempre em vínculo com o adulto. O que buscamos com as atividades específicas que temos neste programa é que constantemente se esteja gerando um diálogo entre o adulto e a criança; não são atividades em que o adulto vá ao café e a criança fique participando, porque nossa intenção é que seja uma experiência compartilhada na qual ambos, de alguma forma, aprendam juntos e saiam com perguntas e inquietações relacionadas à experiência.



Atividade com famílias nos janelões da Proa.
Fotos: Acervo da equipe de educação da Fundación Proa

2. Por favor, nos conte mais sobre como se efetiva o trabalho com as escolas nas três tipologias de atividade que você citou: *recorridos participativos*, visitas com oficinas e articulação com o Museu Quinquela.

Camila Villarruel: Os *recorridos participativos* são visitas nas salas de exposição nas quais se estabelece um diálogo entre as crianças, o docente, o educador e as obras selecionadas, a partir de uma perspectiva lúdica que convida ao trabalho reflexivo e coletivo. Há dois anos temos incorporado que sempre há materiais pedagógicos nos *recorridos participativos*. Todos os materiais são produzidos pela equipe de educação, e as atividades são diferentes para cada faixa etária. De maneira geral essas ferramentas pedagógicas ajudam a ativar determinadas situações no contexto da visita. As visitas com oficina têm um formato mais tradicional, digamos, em que primeiro é feita a visita nas salas e em seguida a oficina no espaço do auditório e no hall. Nas oficinas, retomamos os conceitos apresentados na visita. O objetivo da parceria com o Museu Quinquela é realizar a articulação entre obras do patrimônio de Benito Quinquela com as obras que estão ex-



postas na Fundação Proa, por meio de eixos conceituais. Reunimos as duas equipes educativas e conversamos: “bom, como podemos relacionar Calder [a exposição atualmente aberta na Fundação Proa é *Alexandre Calder: Teatro de Encuentros*] com o acervo do Museu Quinquela?”. Então selecionamos três eixos distintos e começamos a vincular esses eixos a determinadas metas. Em geral fazemos *hojas de ruta* [roteiros], que são recursos para o grupo que abordam tanto o Museu Quinquela quanto a Fundação Proa, então é como uma única visita que se divide em dois: meia hora na Proa e meia hora no Quinquela. E esse recurso une os dois circuitos. Os roteiros sempre mudam, porque na Proa nossas exposições são de curta duração.

3. E em relação às atividades com famílias?

Camila Villarruel: No programa de famílias temos duas atividades: as *valijas didácticas* [malas didáticas], que são para utilização nas salas expositivas, e as *jornadas de famílias*, que acontecem mensalmente, sempre no segundo sábado de cada mês.



Famílias interagindo com as *valijas didácticas*.
Fotos: Acervo da equipe de educação da Fundación Proa

O programa *jornada de famílias* tem um ano e meio, mais ou menos, e vem crescendo: hoje recebemos até 150 pessoas por dia. São quatro oficinas, das 14:30 às 18:00 há atividades – dependendo da hora em que a família chega, vai a uma ou a outra, não é necessário que participe de todas – e nossa intenção é proporcionar distintas experiências, em diferentes espaços, com um eixo comum. No último encontro o eixo foi “Isso é uma obra?”, a ideia era trabalhar o objeto e suas distintas possibilidades de apropriação e de significação, digamos. Então havia desde a possibilidade de fazer um *ready-made* até fazer intervenções a partir de um objeto que trouxeram: a oficina se chamava “O museu que imagino” e nela escolhiam um espaço para sua obra... imagine as crianças empolgadíssimas dispendo os objetos no espaço... Outra atividade se chamava “O Laboratório de objetos encontrados”, as crianças tinham que ir procurar objetos que estavam es-



condidos em uma parte do museu, com uma mala, e depois produzir uma obra-intervenção: havia um espaço e deviam produzir uma instalação com os materiais que haviam colocado na mala. Havia também um teatro de sombras, uma peça que nós mesmos criamos e que estamos usando para os *recorridos participativos* com as turmas de educação infantil, e nos janelões havia uma intervenção em que eles eram convidados a usar binóculos, captar algum objeto à distância e representá-lo no janelão usando vinil. Eles fizeram coisas maravilhosas.



Atividade com famílias nos janelões da Proa.
Foto: Acervo da equipe de educação da Fundación Proa

Um diferencial do programa com famílias é a possibilidade de uma ativação de todo o espaço da Fundação Proa, o que nem sempre é possível com os grupos de escola. Com as famílias fazemos intervenções em toda a parte do hall da Proa. Intervimos muito nos janelões, desde uma pergunta colada com vinil até... nem sei, de tudo; trabalhos com tecnologia no auditório.

4. Quais os eixos principais que fundamentam o trabalho com as crianças na Fundação Proa?

Camila Villarruel: Os eixos principais para o trabalho com crianças na Proa se relacionam menos com o “aprender” numa perspectiva de que o conhecimento é transmitido ao sujeito, e mais com a ideia de que é da experiência que se adquire o conhecimento. O que intencionamos na Proa é proporcionar uma experiência que seja distinta das demais, por isso não trabalhamos tanto numa perspectiva escolar: se as crianças estão trabalhando Calder nas escolas de uma determinada maneira, procuramos trabalhar de outro ponto de vista, para que as experiências sejam diferentes,



que não seja o mesmo que uma aula. O mesmo ocorre com famílias: se nós incorporamos, por exemplo, tecnologia, não vamos fazer o mesmo a que a criança tem acesso com o tablet na sua casa... Então o que intencionamos é que a experiência seja distinta. Outro eixo de nossa atuação é o trabalho coletivo. Sempre são trabalhos em equipe, nunca trabalhamos de forma individual. Nosso objetivo não é que a criança produza uma obra sozinha. Sempre se trabalha em equipe porque se intenciona que as questões individuais de cada criança sejam potencializadas pela equipe. Nesse sentido trabalhamos o tema do respeito, da escuta do outro; um grande objetivo é fomentar o trabalho colaborativo, que é o que nós vivenciamos enquanto equipe de educação, sempre trabalhamos dessa forma. E outra questão, um terceiro eixo, é a intenção de trabalhar de maneira interdisciplinar. A forma depende de cada exposição, mas nunca ficamos puramente no visual. Trabalhamos o corpo, trabalhamos os sons, trabalhamos o vínculo com os espaços... esses temas estão sempre presentes nas visitas. É muito importante para nós que as crianças tenham consciência de que têm um corpo e estão em um espaço, ou seja, que não têm somente dois olhos para ver. Acreditamos que isso gera uma experiência muito mais rica; e se é mais rica, é melhor, porque fica no pensamento... Outra questão importante, para qualquer nível escolar e para o trabalho com as famílias, é que saiam com perguntas. Não temos a intenção de responder nada aqui: o que intencionamos é que saiam intrigados, com vontade de saber mais, seja sobre Calder ou sobre a própria vida, sobre qualquer coisa. Sempre deixar uma pergunta, e uma pergunta aberta, para que eles façam novas perguntas. Isso faz com que a experiência não se limite ao espaço da Fundação Proa, mas transcenda seus muros.

5. No grupo Educação, Artes e Inclusão nós defendemos uma perspectiva que afirma que é função da educação criar necessidades, criar desejos...

Camila Villarruel: Claro, totalmente. Com os anos, com a experiência, vamos conhecendo cada vez mais sobre as crianças, e nos damos conta de que há muitas formas de ativar o desejo nelas, e que se você tem as estratégias, a criança vai se conectar sozinha, o estímulo é por meio dos materiais, de uma pergunta feita pelo educador... há mil formas... e creio que nossa formação tem a ver com isso: de que forma podemos estimular esse desejo, essa vontade, nas crianças. Mais do que falar para que aprendam: para isso já temos a escola e outros contextos. Então isso eu penso que é importante: sempre há uma aprendizagem, mas esta está ligada à experiência.

6. Você mencionou que a equipe educativa vivencia o trabalho de forma colaborativa. Qual a estrutura da equipe e como se organiza esse trabalho?

Camila Villarruel: A equipe de educação tem duas coordenadoras, eu estou vinculada às crianças e a Rosário García Martínez aos adultos, e temos também a figura do educador associado, são cinco educadoras que fazem parte da equipe educativa de forma estável, isso é importante. Nossa intenção como coordenadoras é que estejam constantemente se capacitando, é uma



aprendizagem constante para todas nós, então as pessoas vão crescendo também dentro da sua função, vão crescendo como educadoras, porque vão se envolvendo cada vez mais nos diferentes programas. Cada uma tem um perfil diferente. Então eu e Rosário nunca trabalhamos sozinhas, aqui todas as propostas são pensadas em equipe, depois há uma coordenação que toma uma decisão final, digamos, mas tudo é pensado em equipe a partir de reuniões. O que chamamos de "período entre mostras", quando não há exposição aberta, é o período de trabalho mais intenso. O primeiro que fazemos é uma espécie de *brainstorm* do que é a exposição, tiramos ideias e passamos a definir as metas de compreensão: para cada faixa etária e para cada programa, o que é que queremos que o visitante compreenda deste artista? Fazemos uma espécie de recorte: temos este artista, o que é que nos interessa trabalhar? A partir disso definimos as metas de compreensão, e a partir das metas, as atividades. Então está tudo articulado, coordenado. E tudo se trabalha em equipe. Quando começamos uma nova proposta, fazemos uma nova reunião, tiramos as ideias gerais e a partir disso propomos as atividades; depois cada uma trabalha em uma atividade, mas as ideias nunca saem de uma só cabeça. Isso é importante porque as educadoras não somente estão nas salas – cuidando das obras, interagindo com o público – mas também são partícipes da proposta educativa. Isso é algo que distingue a Fundação Proa, quase nenhum museu em Buenos Aires tem a figura do educador trabalhando de forma colaborativa nas diferentes áreas.

7. Como essa equipe educativa da Fundação Proa vê a relação das crianças com a arte contemporânea?

Camila Villarruel: As crianças são muito menos preconceituosas que os adultos, a princípio. Não que tenhamos que pensar por comparação, mas a primeira ideia que me vem é que custa muito menos para as crianças entenderem por que, por exemplo, o mictório de Marcel Duchamp é uma obra; aos adultos custa muito mais. De fato, nossa primeira exposição na Fundação Proa foi uma mostra de Duchamp e as crianças estavam muito envolvidas com tudo o que era intervenção nos objetos, como quem capta o que está ali. O que eu vejo em geral é uma relação muito saudável entre as crianças e as obras. Os adolescentes têm mais essa postura de "isso não é arte", mas em geral a relação é boa. Depende muito, na verdade, de como se trabalha. Te dou um exemplo: uma obra de [Cildo] Meireles que esteve aqui na Proa, não me lembro o nome... mas era uma obra que estava por todo o piso, tinha um fio preto, era uma intervenção e em algum momento havia como uma bola, mas era muito arte contemporânea, a intervenção com esse fio preto ocupava toda a sala. As crianças fizeram um exercício com o corpo por ali e em seguida já estavam envolvidas com a obra; não se fazem tanto a pergunta de se é arte ou não é arte, por que sim ou por que não, simplesmente se entregam à experiência. Esse questionamento acontece mais com adolescentes. Mas com eles o que começamos a fazer e que funciona muito bem é trabalhar com



intervenções no espaço. Por exemplo, houve faz pouco uma mostra que estava vinculada à fotografia, trabalhava a ideia da fotografia através de um traço de antropologia visual. Dávamos aos adolescentes um *corpus* de obras, determinada quantidade, trinta fotos por exemplo, e a primeira coisa que eram convidados a fazer era relacionar essas fotos com os temas que lhes ocorressem no momento. Desse corpus de fotos, escolhiam dez que estivessem vinculadas a um tema, escolhido por eles. A partir disso faziam uma intervenção no espaço, poderia ser nos janelões, na escada... nós aqui na Proa não temos medo de intervir no espaço. Enfim, uma intervenção com um texto curatorial. Depois cada grupo explicava seu trabalho. Esse tipo de situação envolve os adolescentes, situações nas quais sejam convidados a pensar, nas quais sejam protagonistas. Saíram coisas incríveis, o tema de “nem uma a menos” apareceu muito, o tema do feminismo... E isso é algo muito importante: hoje em dia você tem a possibilidade de trabalhar com um adolescente que é muito mais reflexivo que 25 anos atrás, então é por aí que você tem que envolvê-lo. Fizemos essa mesma oficina com um grupo de docentes, eles fizeram uma intervenção incrível por toda a escada. A apropriação do espaço é muito importante, tanto para uma criança pequena quanto para um adolescente e um adulto. Então essa é uma questão chave: não que se sintam em casa, porque não é uma casa, mas que sintam que podem ser participantes ativos, essa é a chave. Nesse sentido, pode-se mostrar aos visitantes qualquer obra que a princípio não entendem, basta que se tenha estratégias para que se envolvam em uma experiência compreensível para eles – por que às vezes a obra é incompreensível... um limão na parede... claro, assim é difícil, mas em geral o que fazemos é isso: “a que ideia te remete esse limão?”. E a partir daí você vai mediando... Fizemos muito isto na exposição de Yves Klein que houve aqui. A primeira coisa que trabalhamos era a percepção da cor no auditório. Tudo escuro, projetávamos azul, roxo e amarelo, e o primeiro convite era que escrevessem qual era seu primeiro pensamento para cada uma dessas cores. Dessa forma, você acessa por outro lado, digamos, e a partir daí consegue trabalhar aspectos do artista. Intencionamos sair um pouco do artista também, criar uma experiência que vá um pouco mais além.

8. Você falou um pouco sobre as especificidades dos adolescentes. E as crianças pequenas, quais as especificidades do trabalho com elas?

Camila Villarruel: O principal com as crianças pequenas é o trabalho com os materiais pedagógicos. Com a educação infantil – recebemos crianças de 3 a 5 anos, mas os grupos de três anos são raros, geralmente são crianças de quatro e cinco anos - sempre temos algum material que possa ser tocado, manipulado, porque em geral nas exposições não se pode tocar em nada. O principal é gerar um interesse desde o visual, mas com materiais que possam ter uma conexão mais clara com a criança pequena. Não trabalhamos em equipes, porque não é adequado, eles ainda são muito individualizados, não sabem ainda trabalhar em equipe. E sempre pensamos materiais que chamem sua atenção. No caso da exposição atual, há uma mala grande da qual saem



personagens, sai uma carta grande escrita por Calder para as crianças, tudo é muito colorido... E as visitas terminam com um teatro de sombras dentro da última sala da exposição. Aprendemos com os anos que deve haver espaços em que as crianças não tenham que apenas ouvir, mas também tenham oportunidades de participação. Por exemplo, houve aqui na Proa uma mostra que se chamou *RAQS Media Collective: és posible porque és posible*. Era um grupo de arte muito contemporânea que tinham uma escrivanhinha em que se faziam perguntas, e a obra respondia. Você sentava como espectador, perguntava, e havia uma pessoa do outro lado que de acordo com a pergunta escolhia uma resposta. Bom, fizemos essa dinâmica com as crianças de quatro anos, você não tem ideia das perguntas que faziam, foi ótimo... eles gostam disso, mais do que estar paradinhos nos escutando...

9. Sim, o corpo é muito importante...

Camila Villarruel: Sim, é muito importante! Nas visitas com grupos do ensino fundamental, trabalhamos muito o vínculo do corpo com o espaço. Muito trabalho em equipe e a ativação de outros sentidos para além do visual: fazemos muitas coisas como que fechem os olhos, que olhem para as obras de diferentes pontos de vista, que se deitem para olhar... de tirá-los um pouco dessa perspectiva mais tradicional. O material pedagógico também funciona muito com essa faixa etária. Por exemplo, na primeira sala da exposição de Calder fazemos um exercício em um lousas pequenas, em que eles precisam desenhar um colega com apenas dois traços. São pequenas dinâmicas no espaço expositivo em que eles trabalham com distintas situações. E o mais importante é isso: trabalhar muito a questão do corpo, do movimento, dos diferentes sentidos. O trabalho varia de exposição para exposição, mas essa é a ideia.



Crianças participam de atividade para o público escolar.
Foto: Acervo da equipe de educação da Fundación Proa



Entrevista concedida a Flora Bazzo Schmidt na Fundação Proa, em Buenos Aires (Argentina), em 28 de setembro de 2018. Tradução para o português realizada pela entrevistadora.

Flora Bazzo Schmidt é pedagoga formada pela Universidade Federal de Santa Catarina e atua no Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, da mesma universidade. É mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação da professora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. É integrante do grupo de pesquisa Educação, Artes e Inclusão.